

## AS PONTES CONSTRUÍDAS PELO DIABO EM PORTUGAL

Paulo César Ribeiro Filho<sup>1</sup>

**RESUMO:** “Deus é bom e o Diabo também não é mau”, diz a sabedoria popular. Tratado pelo camponês de forma muito peculiar, o Diabo parece esvaziar-se de seu lóbrego retrato bíblico ao subir à terra e habitar entre os homens da antiguidade, sobretudo os camponeses, e, aparentemente despreocupado em levar o restante da humanidade à danação, ocupou-se durante muitos anos construindo pontes por toda a Europa, obras empreendidas sob os mais diversos pressupostos. São numerosos os relatos folclóricos acerca das pontes construídas pelo Diabo e em Portugal encontram-se muitas delas, cada qual com sua respectiva lenda. Este artigo apresenta as principais narrativas populares portuguesas referentes ao mais tétrico dos engenheiros civis da história e propõe uma reflexão acerca da acepção da figura diabólica no campo.

**Palavras-chave:** Diabo. Pontes. Folclore. Portugal.

**ABSTRACT:** “God is good and the Devil isn’t bad too”, says the popular wisdom. Treated by the peasant by a very peculiar way, the Devil seems to lose his murky biblical appearance going up to the land and living among the men of antiquity, especially the peasants, and, apparently unconcerned about lead the humankind to the eternal damnation, he had been busy during many years building bridges all over Europe, a work undertaken by many different premises. Are numerous the folkloric reports about the bridges built by the Devil and many of them are found around Portugal, each one with their respective tale. This article presents the main portuguese folk narratives related to the most lurid civil engineer of history and proposes a reflection about the meaning of the diabolical figure in the field.

**Keywords:** Devil. Bridges. Folklore. Portugal.

### 1 Uma introdução às lendas

Mais intrigantes que grandes círculos ou desenhos feitos em plantações, os quais levantam rumores de intervenção extraterrestre ainda nos tempos atuais, algumas grandes obras da antiguidade tornaram-se famosas pelo mistério a respeito de suas edificações. Diversas teorias tentam explicar, por exemplo, como os homens de 2.700 a.C. foram capazes de erguer as pirâmides de Gizé, assim como o Stonehenge, em meados de 2.500 a.C., na Inglaterra, ou as linhas de Nazca, no Peru, entre tantas outras. Diante da impossibilidade de validar teorias

---

<sup>1</sup> Paulo César Ribeiro Filho é bacharel e licenciado em Letras pela Universidade de São Paulo. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa na mesma universidade. Tem interesse pelo estudo do folclore português sob o viés da religião popular, com ênfase na acepção da figura do Diabo pelo homem do campo. Contato: [pcesar-rf@live.com](mailto:pcesar-rf@live.com) / End.: Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, Cidade Universitária, São Paulo-SP/Brasil, CEP: 05508-900.

científicas que tentam compreender os reais processos humanos que deram origem à fundação de tais monumentos, estabelecem-se aí cenários muito propícios para o desenvolvimento de narrativas míticas.

Sabe-se que os mitos surgem da necessidade de se explicar a origem das coisas. Desde o primórdio das civilizações o homem busca atribuir sentido a fatos do cotidiano e obras da natureza de procedência desconhecida, ainda que para isso seja necessário situá-los em um espaço-tempo transcendente; é intrínseca ao homem primitivo a necessidade de ordenação de uma realidade caótica a fim de tornar o mundo conhecido para si. As lendas são narrativas de teor fantástico transmitidas pela tradição oral através dos tempos, tendo sobrevivido única e exclusivamente pelas grandes redes mnemônicas criadas e cultivadas pelo homem, posteriormente eternizadas em antologias feitas por especialistas que se dedicaram a recolher tais narrativas junto ao povo.

Compreende-se o valor cultural e antropológico das narrativas orais ao se considerar o fato destas estórias terem sobrevivido na memória comunitária mesmo depois do advento dos tempos modernos, do século das luzes e do cientificismo. Os principais especialistas portugueses responsáveis pelo recolhimento destas narrativas em terras lusitanas o fizeram, sobretudo durante os séculos XIX e XX. Ou seja, no que se refere à matéria deste artigo, as pontes fabulosas, temos que as lendas que explicam estas fundações permaneceram vivas na boca do povo durante séculos, já que há mais de quinhentos anos separando a efetiva data de construção de algumas pontes do momento em que as estórias foram recolhidas.

## **2 O Diabo do povo e suas obras**

Graham Robb (2010) estima que há, apenas na França, cerca de quarenta e nove pontes que foram erguidas pelo Diabo segundo a tradição popular. A ponte de Valentré, por exemplo, considerada uma das mais belas da Europa, também se diz construída por este peculiar engenheiro, homenageado com uma escultura no alto de uma de suas torres; pequeno, magrela, com dois chifrinhos, um rabo e olhar desconfiado, a figura representada nada tem de assustadora e em nada se assemelha à caracterização bíblica<sup>2</sup> do demônio, que o descreve como “o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo”. Aliás, enganar a todo mundo é o que esta entidade raramente é capaz de fazer segundo as antigas

---

<sup>2</sup> APOCALIPSE 12:9

lendas. Este Diabo das lendas, construtor de pontes e líder das bruxas, é uma figura já muito popular antes mesmo do advento do cristianismo.

O Diabo do folclore tem mãe, esposa, filhos e sogra; humanizado e praticamente inofensivo, a entidade não deixa de praticar pequenas artes, mas nada que possa relacioná-la à temível besta do apocalipse. Lutz Röhrich (1970) faz importantes considerações acerca da figura diabólica nos contos folclóricos europeus. O estudioso alemão atenta-nos para o fato da existência de seres como gigantes, duendes e ogros ocupando funções lendárias que, após o advento do cristianismo, passaram a ser atribuídas ao Diabo, como forma de situar estas entidades pagãs “à esquerda de Deus”, ou seja, como demônios, bodes. Eram os gigantes e ogros que costumavam construir grandes edificações para então serem logrados. Há um ciclo produtivo de lendas, sobretudo nórdicas, que narram as desventuras de trolls que moram debaixo de pontes e comumente cobram taxas ou algum serviço, mas sempre saem logrados. São pequenos duendes que aparecem misteriosamente para fazer tratos com reis e rainhas gananciosos ou desejosos pelo nascimento de um herdeiro. Posteriormente, tornam-se todos Diabos, exorcizados segundo os preceitos da religião católica.

Replacing an ogre, a giant or some other beast with the devil shows that he took over the role of opponent in many tales during Christianity’s spread throughout Europe [...] In the folktale, the devil sometimes seems more like a human than a diabolic character. This is in contrast to his appearance in church doctrines, which depict him as an aggressive demonic creature. (HAASE, 2008, p. 264) <sup>3</sup>

Já consolidados no imaginário popular, estes diabretes mantêm uma relação curiosíssima com os homens nos contos folclóricos recolhidos, sobretudo na Idade Moderna, quando em Portugal, estudiosos como Teófilo Braga e Adolfo Coelho dedicaram-se a recolha destas estórias das fontes orais, inaugurando uma nova e importante fase nos estudos etnográficos.

Em meio às suas considerações a respeito do inconsciente coletivo, Jung (2011) atenta para o fato do Diabo ser comumente taxado logrado e bobo em sua caracterização folclórica. Câmara Cascudo (1984), um dos maiores nomes da etnografia brasileira, fala-nos acerca de um “ciclo do demônio logrado”, que compreende uma série de narrativas assim designadas por

---

<sup>3</sup> Substituir um ogro, um gigante ou algum outro animal pelo Diabo mostra que ele assumiu o papel de adversário em muitos contos durante a propagação do cristianismo em toda a Europa [...] No conto popular, o diabo às vezes parece mais um ser humano do que um personagem diabólico. Isso está em contraste com sua aceção nas doutrinas da Igreja, que o retratam como uma criatura demoníaca agressiva. (Tradução livre).

contarem as astúcias dos homens que conseguiram enganar o Diabo depois de com ele realizarem pacto. O etnógrafo afirma que nos contos das tradições orais brasileira e portuguesa, além de outras culturas de fora da Península Ibérica, a vitória do demônio em um trato é muito rara, senão impossível, sendo praticamente inevitável que ele saia logrado do contrato. O estudioso de cultura popular e folclórica Bráulio Tavares também fez importantes considerações a respeito do tema:

As histórias do demônio logrado são uma coisa curiosa. Porque em princípio bastaria ao diabo recorrer à força bruta ou, por extensão, aos seus poderes sobrenaturais – e tudo estaria resolvido [...] O diabo só perde porque aceita as regras de um jogo onde ele forçosamente tem que se nivelar aos mortais, aos humanos. No momento em que ele se nivela, ele se torna igual aos outros, que acabam por se mostrar mais engenhosos do que ele. (TAVARES, 2009, s.n.)

Daí a expressão “pobre diabo”. À guisa de concluir estas considerações teóricas, cabe um questionamento, a ser admitido como reflexão para estudos posteriores. Sabe-se que grande parte das figuras sociais presentes nos contos são bons cristãos, entre eles camponeses, soldados, reis e rainhas. Ao clamarem pela ajuda “de Deus ou mesmo do diabo” é sempre certa e imediata a aparição do segundo (faz-se mister recordar que somente Deus tem o dom da onipresença, o que torna a situação ainda mais curiosa). Daí a questão: sendo homens de boa fé, por que é que Deus não os atende prontamente, cabendo ao diabo auxiliá-los em seus problemas? Os estudos basilares do pesquisador português Moisés Espírito Santo<sup>4</sup> acerca da religião popular portuguesa parecem apontar para uma linha de raciocínio, a fim de compreender este aparente desprezo divino. O estudioso nos convida a regressar ao passado para vislumbrar a peculiar acepção do divino expressa pelo homem camponês em seus costumes e credices, ao trazer à tona um contexto em que Deus e o Diabo não são figuras completamente antagônicas, propondo a fascinante teoria de que segundo a mentalidade do homem pobre do campo, Deus estaria ocupado demais com os grandes problemas do mundo, indiferente às pequenas causas humanas, principalmente dos mais desfavorecidos; segundo este raciocínio, caberia ao Diabo lidar com as mazelas terrenas de menor importância, sendo ele uma entidade mais sensível à vida árdua na terra por ter sido lançado fora do plano celestial.

Em *O preço dos ovos*, conto recolhido por Adolfo Coelho (1879) em Ourilhes, a tradição conta a respeito de um rapaz que tinha o costume de deixar esmolas pelas terras onde passava,

---

<sup>4</sup> ESPÍRITO SANTO, s.d.

não apenas para as almas do purgatório, mas também para o Diabo pintado ao pé das almas. Posteriormente, este rapaz foi enganado pela dona da estalagem onde havia comido ovos cozidos: a mulher levou-o à cadeia alegando que devia a ela uma grande quantia em dinheiro, pois os ovos que ele havia consumido seriam futuras galinhas que botariam mais ovos e assim por diante. Preso e sem condições de contratar quem o defendesse, eis que surge um homem no dia do julgamento alegando ser o advogado do rapaz. Sujo, ele se desculpa pelo atraso e afirma ao juiz que demorou a chegar pois estava semeando castanhas cozidas. Espantado, o juiz pergunta como é que de castanhas cozidas nasceriam castanheiras, ao que o homem responde que da mesma forma não haveria de nascerem galinhas de ovos cozidos. O rapaz fica então inocentado e o autor nos revela que este tal advogado que aparecera para defendê-lo era o Diabo, em gratidão às esmolas que havia recebido.

Quase um duende familiar, os diabretes do campo se ocupavam de tarefas cotidianas e corriqueiras. Vivendo em meio aos homens, puderam participar de inúmeras situações picarescas e, em última análise, exemplares. Estabelecidas as principais informações a respeito das narrativas folclóricas como um gênero do imaginário, do ciclo do demônio logrado e da aceção do Diabo na mentalidade do camponês, são apresentados a seguir alguns dos contos folclóricos que narram as engenhosas artes do Diabo como um construtor de pontes em Portugal.

### **3 Pontes que o Diabo construiu em Portugal**

A fim de tornar mais simples o acesso às narrativas diabólicas, a pesquisadora portuguesa Fernanda Frazão selecionou e organizou as principais histórias do Diabo em terras lusitanas em uma notável obra intitulada *Viagens do Diabo em Portugal*, que será usada como referência para todos os contos tratados nesta seção. A compilação teve como fonte de pesquisa as grandes antologias de contos populares portugueses de especialistas como Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Ataíde de Oliveira, Consiglieri Pedroso e António Tomás Pires. Além de apresentar apenas as principais informações a respeito das sete lendas mencionadas a seguir, propõe-se ressaltar os lugares comuns que permeiam todas elas, assim como informações adicionais que são, sobretudo, temas para estudos a serem devidamente aproveitados posteriormente.

#### ***3.1 A ponte da Mizarela***

Localizada sobre o rio Rabagão, na freguesia de Ruivães, concelho de Vieira do Minho, distrito de Braga, está a belíssima ponte da Mizarela (FRAZÃO, 2000, p. 63). Segundo a respectiva lenda, “foi o próprio Diabo quem, num instante de engenhoso capricho, construiu esta formosa obra de arte”. Conta-se que um temível criminoso fugia da justiça e, ao perder-se em sua fuga desesperada, deparou-se com o rio Rabagão. Era inverno e com a chegada da noite os ventos passaram a soprar ferozmente sobre as águas do rio, provocando ruídos sinistros. À meia-noite, o criminoso, que já não confiava em Deus, suplicou pela ajuda do Diabo, que prontamente surgiu disposto a ajudá-lo, com a condição de lhe entregar a alma, caminhar sempre avante e nunca olhar para trás. O criminoso aceitou o pacto e então o Diabo fez surgir diante dele uma ponte de pedra, pela qual fugiu correndo. Depois, a ponte desapareceu.

Mais tarde, porém, o fugitivo ficou atormentado pela ideia de ter que entregar a alma ao demo e foi se confessar com um “virtuosíssimo sacerdote”, que logo concordou em resgatar esta alma perdida. Para tanto, disfarçou-se de lavrador e foi até o local onde o criminoso havia se encontrado com o Diabo. Lá, invocou-o prometendo uma alma em troca do reaparecimento da ponte. O Diabo novamente refez a ponte, e o padre, tirando de sua capa uma “caldeirinha” com água benta, aspergiu-a com folhas de urze, recitando palavras de exorcismo, afastando o diabo dali. Desde então a ponte ficou para sempre ali. Segundo um costume muito antigo, mães com medo de que seus filhos nasçam mortos vão até o local para batizá-los ainda no ventre.

### **3.2 A ponte de São João<sup>5</sup>**

Conhecida atualmente como ponte do Rio Ave, esta edificação encontra-se no distrito de Braga, ao norte de Guimarães. Diz-se que foi o Diabo quem a construiu e que mora debaixo dela. Sendo assim, no passado, quando algum vilão das redondezas era abatido por alguma doença e já descreia da medicina, dirigia-se ao meio da ponte “à meia-noite em ponto”, acompanhado por um padre, três punhados de sal e meio alqueire de milho ou painço (esta é uma medida que variou muito ao longo dos séculos em Portugal; no século XIX corresponde a um saco com cerca de oito quilos de cereal). Neste horário, o padre começa a ler os exorcismos

---

<sup>5</sup> FRAZÃO, 2000, p. 67.

enquanto o doente vai atirando o milho da ponte abaixo, seguido do sal. Crê-se que o Diabo, “a quem o padre impõe a obrigação de largar a criatura”, volta para debaixo da ponte, onde fica entretido contando os grãos “até a consumação dos séculos”.

Esta narrativa reúne duas informações comumente veiculadas nos contos do Diabo além da construção da ponte. A primeira delas é o horário exato para invocação do Diabo, meia-noite. A segunda diz respeito à imagem do Diabo que conta grãos. Esta curiosa ocupação é muito comum na tradição europeia, e tem relação direta com a figura do fradinho ou diabinho da mão furada; acredita-se, de um lado, que as mãos destes seres estão furadas de tanto contar grãos e, de outro, que eles já têm as mãos naturalmente furadas e por isso o costume de lançar grãos para contarem, sendo essa uma tarefa impossível e que, portanto duraria a eternidade.

### ***3.3 A ponte de Domingos Terne***

Também sobre o rio Ave há a ponte de Domingos Terne (FRAZÃO, 2000, p. 105), “uma légua para o Norte da Senhora do Porto de Ave”. Esta também foi uma ponte feita pelo Diabo segundo a tradição local. Havia na região um casal de namorados, cada qual morava de um lado do rio. A fim de juntar os dois, toda noite o Diabo construía uma ponte “para o rapaz ir ter com a sua conversada”. Um padre da região, muito provavelmente interessado em tornar a ponte fixa para facilitar a mobilidade de todos os moradores da localidade, ficou sabendo desta obra diabólica e, numa noite, pôs-se à espreita. Assim que o Diabo fez a ponte aparecer, depois que o rapaz passou, o padre logo a exorcizou e “o Diabo nunca mais pôde retirar” a ponte dali. Esta é mais uma das lendas que com põem o ciclo do Diabo logrado.

### ***3.4 A ponte de Valtelhas***

A ponte do Vale de Telhas (FRAZÃO, 2000, p. 76) fica sobre o rio Rabaçal, na freguesia de Vale de Telhas, concelho de Mirandela. De acordo com a tradição dos vilões de Torre de Dona Chama, esta ponte do século XVII foi inteiramente construída em apenas uma noite. “Alguém que por ali passou à meia-noite viu o Diabo a trabalhar” e o ouviu cantando os versinhos “Galo preto,/Galo branco,/Anda ao canto.” Na madrugada do outro dia, o diabo entoava outro canto, desta vez “Galo brando,/Galo pinto,/Pare o bico.”

Mais uma vez encontramos o horário exato da construção da ponte e mais uma informação que voltará a se repetir: o Diabo canta enquanto constrói. Pode-se concluir que esta é, aparentemente, uma atividade que muito agrada ao Diabo do povo.

### 3.5 A ponte de Alpragares<sup>6</sup>

A tradição popular atribui às “artes diabólicas” não somente o único e grande arco da ponte de Alpagrares (ou Alpajares) , mas também a “calçada muito íngreme” às margens do rio Douro, que passa próximo dali. Conta-se que certa noite um viandante (viajante, transeunte) andava a cavalo perto dos muitos precipícios da região e, como não houvesse nenhum atalho e sendo urgente a necessidade de continuar a viagem, “pediu a Deus e ao Diabo que lhe valessem”. Como de costume, Deus pareceu ignorar o pedido e foi o Diabo quem lhe atendeu prontamente. Disposto a fazer uma ponte, o demo pediu que o viajante lhe entregasse sua alma antes do cantar do galo preto. O cavaleiro aceitou o trato e logo o Diabo começou a fazer a ponte. Porém, quando o “infernai pedreiro conduzia as duas últimas pedras da guarda da ponte” o galo preto cantou e o Diabo ficou logrado, portanto o cavaleiro pode seguir seu caminho sem a necessidade de entregar a alma.

Cabe ressaltar que, segundo a lenda, “ainda hoje qualquer pessoa desta terra mostra na ponte o sítio onde deviam ter sido colocadas as duas últimas pedras”. Neste relato fica clara a predileção do diabo por estas “pequenas causas”, como anteriormente exposto, além de mais uma vez ter sido enganado, não pela astúcia do homem, mas pelo cantar do galo, o que nos leva a outra força capaz de lograr o Diabo: a natureza. A *Lenda da Amendoeira* (FRAZÃO, 2000, p. 126) conta que “a amendoeira é a árvore que enganou o Diabo”. Em janeiro o demo viu florescer e sentou-se debaixo dela à espera do amadurecimento dos frutos. Porém, setembro já havia chegado e as amêndoas ainda não estavam maduras (é neste mês que ocorre o maturamento). Cansado de esperar, “foi espreitar as outras árvores”, mas os frutos de todas já haviam sido apanhados e, desapontado, voltou para debaixo da amendoeira, que, neste meio tempo, também já não tinha nenhuma amêndoa sequer, “e o Diabo ficou logrado”. Temos também o conto *A abóbora (ou o nabo) enganaram o Diabo* (FRAZÃO, 2000, p. 148)., mais uma narrativa deste ciclo.

---

<sup>6</sup> FRAZÃO, 2000, p. 72.

### **3.6 A ponte da Aliviada<sup>7</sup>**

A Ponte da Aliviada ergue-se sobre o rio Ovelha, na freguesia de Várzea, Aliviada e Folhada, concelho de Amarante. A lenda acerca de sua construção envolve também a figura de Frei Gonçalo de Amarante, clérigo nascido no século XIII, em Arriconha, freguesia de Tagilde, próximo a Guimarães, no norte de Portugal. Conta-se que a ponte romana de Trajano estava em péssimo estado, prestes a ruir. Como o péssimo estado da ponte afastava o uso popular, causando um enorme problema de mobilidade, o frei decidiu construir uma nova. Segundo a tradição, o local de erguimento fora mostrado em sonho por um anjo. Porém, outra razão levou Gonçalo a se envolver nesta obra: “competir com o Diabo, que andava a construir uma ponte idêntica na Aliviada”.

A ponte do Diabo estava perfeita. Ao contemplar a obra do santo, o Diabo caiu na gargalhada e, a fim de acirrar a competição, convidou-o para acompanhar o andamento de sua obra na Aliviada. No meio do caminho, Frei Gonçalo pensava em como poderia lograr seu inimigo por conta da vergonha que havia passado. A resposta veio em meio à conversa ao longo do caminho, quando o Diabo lhe pediu que não benzesse a ponte. Quando vislumbrou a grandiosidade da ponte do Diabo, percebeu o quanto a sua era mesquinha e, tentando colocar em prática sua vingança, usou seu cajado para parabenizar a obra do Diabo. Dizendo “Se tu fosses por aqui, como vais por ali” o santo fez o sinal da cruz no ar. O Diabo então foi logrado e fugiu.

Ainda, segundo a tradição, há na Aliviada “um caminho que leva para o Inferno” e no local há oferendas de alimentos para o Diabo, “menos o pão”, sendo que, nesta ponte, “o Diabo frita sardinhas cujo chiadouro é ouvido por quem passa”.

### **3.7 A ponte do Alfusqueiro<sup>8</sup>**

Conta-se que há muitos anos houve um senhor muito rico que possuía terras separadas pelo rio Alfusqueiro. Muito profundo, ainda que estreito, o rio dificultava a andança do homem por suas terras, mas de tão avarento preferia caminhar muitas léguas ao invés de gastar com a

---

<sup>7</sup> FRAZÃO, 2000, p. 73-75.

<sup>8</sup> FRAZÃO, 2000, p. 109.

construção de uma ponte. Numa noite chuvosa, um homem vestido de preto surge e propõe um trato ao rico senhor: construiria uma ponte até a noite de natal em troca de sua alma. Logo o proprietário percebe que se trata do Diabo. Apesar de inicialmente assustado, decide aceitar o acordo, já que não gastaria nenhum tostão.

Como em relatos anteriores, este rico senhor também se arrependeu com o passar do tempo, temendo o dia em que o Diabo viria lhe buscar a alma. Enquanto se lamentava, em um dia qualquer, eis que surge uma velha “que não era daqueles sítios”. Saudando o homem, ficou curiosa em saber a causa daquele semblante abatido. Depois de contar a respeito do acordo, a velha afirma que juntos iriam enganar o Diabo. Para tanto, antes da meia-noite da véspera de natal, o homem, seguindo as instruções da velha (provavelmente uma “bruxa boa”), vai até o local onde o diabo estava prestes a colocar a última pedra da ponte. Escondido, atira um ovo bem no centro da construção, fazendo sair da gemada um belo galo, que “desatou a cantar como que anunciando a meia-noite”. Assim o Diabo fugiu logrado, envergonhado por cumprir a sua parte do acordo com o proprietário das terras.

#### 4 Sobre pontes, bruxas e Diabos

A associação do Diabo às pontes não para por aí. Como registrado na lenda da ponte da Mizarela e na de São João, há o costume de ir até as pontes para curar doenças, que segundo as credences populares são causadas por artes diabólicas. Sendo assim, faz-se uma espécie de exorcismo de doentes nas pontes, a fim de aprisionar os diabos no seu local de origem. É este também o local em que tal entidade faz suas assembleias com as bruxas. Em um trecho da narrativa *O menino sem olhos* (FRAZÃO, 2000, p. 29) temos o seguinte relato: “Próximo à árvore estava uma ponte, onde costumava ir o Demônio com as bruxas fazer audiência. Daí a pouco vieram todas, conforme é costume, e estavam perguntando umas às outras o que tinham feito naquele dia”.

Destaca-se neste trecho a expressão “conforme é costume”, uma referência à grande recorrência destas audiências de bruxas com o Diabo para registro das atividades por elas realizadas. Esta reunião também acontece em casas abandonadas próximas de pontes. Em *O fradinho da mão furada*, conto que teria inspirado as *Obras do diabinho da mão furada*, narrativa manuscrita setecentista de autoria anônima, o Diabo também faz uma audiência com as bruxas em uma casa abandonada para ter conhecimento de suas façanhas<sup>9</sup>. No conto *As*

---

<sup>9</sup> Há no conto do fradinho da mão furada mais um lugar comum do ciclo das bruxas nos contos folclóricos, que é o fato delas chuparem (ou *chucharem*) o sangue de crianças.

*feiticeiras da ponte de Palheiros* (FRAZÃO, 2000, p. 118-121), um almocreve vê-se enganado pelo amigo e, sem dinheiro, vai se esconder em uma casa abandonada próxima à ponte de Palheiros. Durante a noite, vultos começam a entrar na casa e logo se materializam em forma de bruxas. Em seguida aparece um facho de luz, que era o diabo, dando início à audiência. As bruxas contam as atividades que desempenharam nos últimos dias, além de confiar ao Diabo os procedimentos que deveriam ser feitos para reverter seus encantamentos. Ouvindo tudo isso, o almocreve sai da casa pela manhã e enriquece por conta dos feitiços que consegue desfazer.

### **Considerações finais**

Os gêneros da oralidade (contos, fábulas, lendas, etc.), preservados e difundidos durante séculos via transmissão oral, sofreram, desde a antiguidade, um processo de desvalorização enquanto literatura. Do mesmo modo, a cultura popular de um modo geral vinha se mantendo afastada dos estudos acadêmicos, taxada como fonte de material folclórico desprovida de valores estéticos e antropológicos. Apenas muito recentemente as diversas formas de manifestações tradicionais passaram a ser admitidas como matéria de estudos culturais em áreas como História Social e Antropologia.

Buscou-se aqui destacar uma importante característica intrínseca às lendas, a capacidade de fundir fatos comprovadamente históricos a outros que são elaborações da imaginação humana, resultando desta combinação narrativas orais que atribuem origens mágicas e encantadas a episódios ou coisas que permanecem sem elucidação científica. Comumente chamadas de “mitos degenerados”, tais narrativas orais podem atribuir diversas interpretações para um mesmo fato de acordo com a realidade do povo que as cultiva, o que lhes confere um rico teor antropológico. O trabalho dos folcloristas é extremamente cuidadoso ao lidar com as lendas populares. Sabe-se que até os dias de hoje há comunidades humanas que adotam estórias lendárias como fator de reconhecimento mútuo e de pertencimento à comunidade.

Não se pode perder de vista que a preservação dessa infinidade de estórias populares é devedora das poderosas redes mnemônicas estabelecidas entre diversos povos durante séculos até serem recolhidas, estudadas e redigidas por especialistas. Sendo assim, mais do que dizer que são mero fruto da imaginação ou conferir-lhes o status de gênero baixo, tendo por paradigma a exaltação de um cânone literário da cultura escrita, lidar com as lendas de uma

---

comunidade, assim como todos os seus ritos, costumes e credences, significa trabalhar com um tipo de produção humana cujo valor é inestimável, além de inesgotável em possibilidades de abordagem.

## REFERÊNCIAS

CÂMARA CASCUDO, Luis. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1984,

COELHO, Adolfo. **Contos Populares Portuguezes**. Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora, 1879.

ESPÍRITO SANTO, Moisés. **A religião popular portuguesa**. Lisboa: A Regra do Jogo, Edições, s.d.

FRAZÃO, Fernanda. **Viagens do Diabo em Portugal**. Lisboa: Apenas Livros, 2000.

HAASE, Donald. **The Greenwood Encyclopedia of Folktales and Fairy Tales: A-F**. California: Greenwood Publishing Group, 2008.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Vol. 9/1. Tradução de Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. 7. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

ROBB, Graham. **A descoberta da França**. Tradução de Maria Teresa Machado. São Paulo: Record, 2010.

RÖHRICH, Lutz. German Devil Tales and Devil Legends. In: **Journal of the Folklore Institute**, vol. 7, n. 1, jun. 1970, p. 21-35. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3814229>>. Acesso em: 9 maio 2015.

TAVARES, Bráulio. **O demônio logrado**. Disponível em: <<https://universofantastico.wordpress.com/2009/02/25/o-demonio-logrado/>>. Acesso em: 2 maio 2015.

[Recebido: 19 maio 15 – Aceito: 07 jul. 15]